



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

A representação da figura paterna na contemporaneidade: a sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes” na Cidade da Matola.

Autora: Diana Uamusse

Supervisora: Dra. Sónia Seuane

Maputo, Outubro de 2022

A representação da figura paterna na contemporaneidade: a sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes” na Escola Secundária da Machava-Sede, Cidade da Matola.

Autora

(Diana Uamusse)

Trabalho de Culminação de Estudos do Curso de Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Outubro de 2022

Declaração de honra

Declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso, nunca foi parcialmente ou na sua íntegra apresentado para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo resulta da minha investigação, estando indicadas ao longo do texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Diana Uamusse

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha amável mãe, senhora Ana Maria Xavier, pelo apoio incansável, e por acreditar sempre em mim. Aos meus irmãos, Alfredo, Isabel, Tony que torceram por mim durante esta trajectória. Ao meu esposo José Laura Mutisse pelo apoio e amor incondicional e também por sempre estar nos momentos difíceis e felizes da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pela vida, saúde e por sempre abençoar os meus passos.

Aos alunos e a direcção da Escola Secundária Machava Sede pela disponibilidade, convivência que tivemos durante a pesquisa.

À minha supervisora Dra. Sónia Seuane, a quem admiro bastante e que tudo fez para a materialização deste trabalho desde a construção do meu tema, correcções, sugestões e paciência.

Agradeço aos meus colegas de Antropologia 2018 que juntos partilhamos experiências ao longo da nossa trajectória académica e cada um deu o seu melhor, em especial o quinto grupo. Agradeço a minha querida mãe Ana Maria Xavier Artiel, pelo ampêro incondicional, por todas as vezes que ela me ensinou que a academia é a melhor opção e que nunca ninguém se arrependeu por ter -lá estado, Mãe amo-te bastante, pois foste Mãe e Pai para mim e para os meus irmãos.

Igualmente, à Açucena Nhantumbo, minha amiga e companheira no percurso da licenciatura e hoje minha irmã por consideração. Tivemos muitos altos e baixos nessa caminhada, aprendemos muito uma da outra, hoje torcemos para que tudo dê certo em nossas vidas.

Ao meu Pai, senhor Cláudio Matias, por me apoiar nos meus estudos, e por tudo que fez por mim quando podia.

Agradeço imenso ao tio Edson Mutemba, por ter me provado que existe aqueles que quando menos esperamos podem nos ajudar e nos fazer acreditar em nós mesmos. Agradeço bastante por tudo que fez por mim e peço a Deus para que multiplique os seus anos de vida.

À tia Isilda Xavier Artiel pelo apoio emocional e motivação, por sempre ter me dado ideias e consolo nos momentos difíceis. Igualmente, aos meus irmãos Alfredo, Isabel, Tony, pelo apoio fraterno, por se calhar terem passado necessidades financeiras enquanto a mãe depositava nos meus estudos.

A todos que directa ou indirectamente ajudaram-me nesta formação, expresso o meu muito obrigado.

Glossário

Batepapo – termo usado nesta pesquisa para se referir ao acto de conversar entre duas ou mais pessoas.

Bocadinho – termo usado nesta pesquisa para se referir ao pouco tempo.

Tabu – termo utilizado na pesquisa como proibição ou limitação de uma acção devido as crenças e valores.

Tempinho – termo utilizado na pesquisa para se referir ao acto de arranjar para conversar.

Status – termo utilizado na pesquisa para se referir ao nível de valor social de um individuo.

Lista de abreviaturas

DAA- Departamento de Arqueologia e Antropologia

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

CMCM – Conselho Municipal da Cidade da Matola

ESMS – Escola Secundária Machava-Sede

TIC -Tecnologia de Informação e Comunicação

Resumo

A presente pesquisa estuda a percepção sobre a representação da figura paterna na contemporaneidade: a sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes” na Escola Secundária da Machava-Sede, Cidade de Matola.

A família tem sido (re) configurada devido as mudanças socioculturais, impactando nos papéis dos pais. Compreende-se que a ausência paterna concede espaço ao chamamento da figura materna, de modo a desempenhar um papel substituto de afecto, apoio, segurança, entre outras necessidades.

A representação da figura paterna é uma função simbólica, a qual configura na socialização dos filhos adolescentes, no meio familiar, escolar e da sociedade, baseada em crenças que repercutem no modo de agir. Os filhos adolescentes, a família e a sociedade encarregam na figura paterna o papel de provedor, influenciador e educador. Contudo, este cenário é desafiado pelos factores socioculturais e económicos, revelando que a presença paterna não se limita na presença física, mas também emocional, sendo fundamental para a socialização dos filhos adolescentes, o acompanhamento.

Palavras-chave: ausência paterna, presença paterna, filhos “adolescentes”, socialização, família, Machava-sede.

Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Glossário.....	iv
Lista de abreviaturas.....	v
Resumo.....	vi
Capítulo 1.....	1
1. Introdução.....	1
1.2. Objectivo geral.....	2
1.3. Objectivos específicos.....	2
1.4. A problemática da representação da figura paterna e sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes”.....	2
1.5. Justificativa do estudo.....	7
Capítulo 2.....	9
2. Revisão da Literatura.....	9
Capítulo 3.....	14
3. Quadro teórico e conceptual.....	14
3.2. Enquadramento teórico.....	14
3.3. Conceptualização.....	14
3.3.1. Paternidade.....	14
3.3.2. Ausência paterna.....	15
3.3.3. Papel paterno.....	15
3.3.4. Socialização.....	16
3.3.5. Família.....	16
3.3.6. Filho adolescente.....	16

Capítulo 4.....	18
4. Metodologia.....	18
4.1. Procedimento metodológico.....	18
4.2. Técnicas de pesquisa.....	19
4.3. Participantes da pesquisa.....	19
4.3.1. Perfil dos entrevistados.....	20
4.4. Constrangimentos.....	20
4.5. Contexto da pesquisa.....	21
Capítulo 5.....	22
5. Apresentação e análise de dados.....	22
5.1. Percepção dos adolescentes.....	22
5.2. Percepção dos pais.....	25
5.3. Percepção das mães.....	27
5.4. Percepção dos professores.....	29
5.5. Percepção dos anciãos.....	30
Capítulo 6.....	31
6. Considerações finais.....	31
5. Referência Bibliográfica.....	32
6. Apêndice.....	37
6.1. Guião de entrevistas.....	37

Capítulo 1

1. Introdução

“O pai ausente não é só o vazio físico de uma figura que não tivemos. Às vezes, é também alguém que, mesmo estando ali, não soube ou não quis exercer o seu papel”.

(Dalila Maite Rosa Sena).

Os pais são importantes na vida social dos seus filhos, e a sua ausência pode ser altamente prejudicial (Trapp & Andrade 2017). No entanto, a compreensão da representação paterna abarca a família, enquanto um sistema onde importantes repercussões se manifestam no seu funcionamento (Colossi 2014). Por outro lado, considerando a família um grupo social concreto (Sart 1992), de influência formativa sobre a socialização que fornece aos filhos, a sua integração pública e privado, variam de família para família (Lambert 1972).

Nos últimos tempos, observa-se que a vida familiar tem sido (re) configurada devido as mudanças socioculturais, que vêm, repercutindo na formação de diferentes estruturas familiares, bem como a criação de diferentes expectativas e crenças sobre os papéis dos pais (Ribeiro *et al.* 2015).

Com efeito, os papéis desempenhados, pelo pai e pela mãe, vêm sofrendo transformações, pois, se até pouco tempo o cuidado e criação dos filhos eram consideradas tarefas exclusivas das mães, na contemporaneidade, a representação paterna começa a ser igualmente incluída entre as tarefas sobre o cuidado e criação destes (Pinheiro *et al.* 1983).

Face ao contexto de mudanças socioculturais, (Colleti 2017), argumenta que a representação paterna, tem sido chamada a ser presente e identificada com as exigências contemporâneas da família, baseando-se em uma maior aproximação afectiva com os filhos, fazendo ruptura à concepção tradicional, caracterizada pelo distanciamento físico e afectivo.

A representação paterna não vislumbra apenas proporcionar provisão de afecto, apoio, protecção, estímulo, companheirismo. Ela transmite elementos de cultura, religião, educação e moral, sendo indispensável considerar a sua influência nos diversos aspectos de personalidade de seus filhos (Pinheiro *et al.* 1983). A representação paterna não se

fundamenta apenas pelo facto de o pai viver na mesma casa com o seu filho, tornando-o vulnerável ao comportamento de “ausência” devido as “correrias” do quotidiano, mas também, conforme Lamb (1979) *apud* Pinheiro *et al.* (1983:111), de ser uma figura consciente, que independente dos motivos profissionais tenha tempo para os seus filhos.

Por conseguinte, os valores e hábitos modernos tendem a mudar rapidamente a representação paterna, contribuindo para uma instabilidade, dos papéis da representação paterna e materna na família e não só, decorrente da sua presença ou ausência, em parte resultante do contexto cultural onde está exposto.

Na presente pesquisa, “presença” é entendida como a participação activa física e/ou emocional da representação paterna na vida dos filhos. Enquanto, “ausência” é aqui entendida como a falta física e/ou emocional do pai para com os filhos de ambos os sexos.

1.2. Objectivo geral

- Compreender de que forma se constroem os significados sobre a presença ou ausência da figura paterna e qual o impacto disso na vida dos filhos adolescentes.

1.3. Objectivos específicos

- Entender a construção da figura paterna entre os homens e mulheres da cidade da Matola;
- Perceber quais são as expectativas que adolescentes têm em relação ao papel e presença dos pais nas suas vidas;
- Efectuar comparação sobre a repercussão do pai presente e ausente na vida social dos filhos adolescentes.

1.4. A problemática da representação da figura paterna e sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes”

A necessidade de analisar a evolução da representação paterna, desde o passado, para compreender seu papel no presente (contemporaneidade), deve ser levada em consideração, como um pressuposto antropológico, integrado ao meio cultural, de transformação, da qual a figura paterna está integrada como agente socializador.

As pesquisas científicas relativas a figura paterna, começaram na década de 80 do século XX, vinculadas, sobretudo, a sua importância na educação dos filhos (Serôdio 2009:1). No

entanto, a literatura acerca da paternidade ainda é relativamente escassa quando comparada à amplitude da literatura materna ou da criança (Fonseca & Taborda 2007).

Ao abordar sobre a paternidade, é fundamental ter em conta a evolução da função paterna ao longo do tempo (Lamb 1992 *apud* Serôdio 2009). De acordo com Fein (1978) *apud* Ramirez (1997), as concepções sobre a paternidade abarcam três perspectivas, nomeadamente: tradicional, moderna e emergente. Nesta senda, a tradicional é marcada por um pai provedor do lar que ajuda emocionalmente a mulher a cuidar dos filhos, mas não estabelece contacto directo com a prole, com quem estabelece uma referência de poder e autoridade; a moderna abarca a importância paterna e as consequências da sua ausência na vida dos filhos; a emergente enfatiza a capacidade dos homens na participação da criação dos filhos, impactando na mudança política e social que auxilia novas formas do exercício da paternidade (Ramirez 1997 *apud* Oliveira 2010:24).

Portanto, apesar da influência e proximidade física, primeiramente, a relação na perspectiva tradicional era basicamente instrumental, fundamentada na transmissão de saberes e regras de conduta, e o envolvimento emocional e os cuidados diários dos filhos eram negligenciados (Balancho 2003).

De acordo com Pinheiro *et al.* (1983:120), não há como abordar ausência paterna sem desvinculá-la, por exemplo, do papel que é atribuído ao pai, num determinado contexto sociocultural e num dado segmento temporal. Aliado a isso, um crescente número de cientistas sociais, vêm reconhecendo que, em virtude de razões sociais, muitas crianças têm dois pais, um de cada sexo (Lamb 1979 *apud* Pinheiro *et al.* 1983). Neste contexto, de facto, a figura paterna e materna como integrantes de uma família, estariam inseridos num contexto de transformações em função do espaço e tempo.

Caplansky (2001) argumenta que sob perspectiva antropológica, o pai está vinculado ao conceito de parentesco, filiação e transmissão. Parentesco remete à maneira como diferentes grupos humanos se representam e teorizam sobre os processos de procriação, concepção e gestação, aliada ao papel que cada um dos sexos desempenha nesse contexto.

Para a autora, o conhecimento científico, que demonstra o carácter biogenético da procriação, ainda não foi assumido simbolicamente, dado que a etnologia nos informa sobre povos nos quais as figuras de pai real, imaginário e simbólico podem ser encarnadas por diversos personagens da vida social.

Portanto, tem decorrido mudanças nas formas de sociabilidade inclusive na emergência de alterações nas posições de mães e de pais na vida familiar e o modo como actuam na vida social dos seus filhos. Nos estudos sobre família, o pai tem sido analisado em função de sua posição na esfera pública, como trabalhador e provedor financeiro enquanto sua posição na dimensão pessoal tende a ficar em segundo plano. Com isso, a estrutura familiar é continuamente reestruturada fazendo com que diferentes membros venham a desempenhar o papel de pai (Bourdieu 1997 *apud* Romanelli 2017).

A figura paterna é um processo em constante fluxo de transformação em que interesses, desejos, aspirações individuais estão em constante processo de negociação. A paternidade não resulta apenas do intercurso sexual e que não é somente uma relação fundada em componentes biológicos. Os antropólogos cunharam os termos *genitor* e *pater*, nos quais, o primeiro refere-se ao pai biológico e o segundo qualifica o homem que assume socialmente a paternidade de uma criança que não é seu filho biológico. A distinção entre *genitor* e *pater* permite mostrar que a paternidade é uma relação socialmente construída e assumida independentemente de seu suporte biológico (Romanelli 2017).

Neste contexto, Strauch (2013:51), não há uma única modalidade de pai, pois a paternidade como um dado de referência familiar, guarda estreita ligação com a personalidade e o *status* dos pais e se distingue da função simbólica da qual os pais são representantes. Assim, o sentido, o conteúdo e a vivência do termo pai dependem em grande parte do sistema de nascimento de uma criança não permite determinar o pertencimento dela a uma família, mas sim a realização de um acto social.

Ao longo da sua existência, a família, se acomoda e se modifica junto com a sociedade, o que contribui para transformação desde a sua antiga organização, a família patriarcal. Enquanto a família moderna é fundada no amor romântico, na contemporaneidade a família, chamada de pós-moderna, não comporta um modelo, mas um mosaico de arranjos (Strauch 2013:46; Roudinesco 2003:198). No entanto, esses movimentos familiares, se mantêm como estrutura organizadora e segura para seus membros, constituindo um espaço fundamental para a troca afectiva e a transmissão simbólica (Roudinesco 2003:198).

Antigamente, a criação dos filhos era tida como obrigação da mulher, nos dias actuais grande número de homens vem assumindo papel importante nesse sentido. Se assumirmos que no passado as tarefas da representação paterna eram de prover a família economicamente e

questões de disciplina e decisões finais sobre a vida dos filhos, a vida moderna tem demonstrado e implicado a participação da mulher na produção económica contribuindo para que as ditas tarefas não mais sejam reservadas exclusivamente ao homem (Pinheiro *et al.* 1983).

No entanto, esta conjuntura tem impactado na representação da figura paterna, que se manifesta ausente, não apenas pela questão física, mas pela falta de atenção, ocupação do pai, que não estabelece espaço de conversa, por exemplo. À respeito, Strauch (2013:54), argumenta que talvez o homem não se tenha dado conta da desatenção, visto que batalhava por se firmar socialmente, e isso lhe impunha mobilidade. Para a autora, se por um lado, os anseios discursivos feministas implicavam maior participação na vida familiar, em especial na dos filhos, as investigações no contexto paterno junto aos filhos referem-se ou equiparam-se sempre às funções da mãe, ignorando as especificidades da função do pai, que são importantes na vida social dos filhos.

Moraes (2004), afirma que podemos reconhecer nossas acções como influenciadas pelos pensamentos, crenças, valores, acções e reacções daqueles e daquilo que nos cerca. Por outro lado, outro factor influente no mundo moderno são os incontáveis movimentos de libertação feminina, que provoca a revisão do que ora significa papel paterno e papel materno, contribuindo para a assunção das mudanças no ambiente familiar, seja para o homem como companheiro de uma mulher, seja para o homem como representante da figura de pai para os filhos (Pinheiro *et al.* 1983).

No entanto, existe uma acentuada tendência, nos estudos sobre a ausência do pai, em confundir as influências potenciais, que atribuem um mau ajustamento dos filhos simplesmente pela ausência do pai (Lamb 1979).

De facto, a família é fundamental e responsável pela inserção cultural dos filhos na sociedade (Souza & Filho 2008), contribuindo no processo de socialização da criança que pressupõe a aquisição de valores, normas, costumes, papéis, conhecimentos e condutas que são transmitidos e regulados pela sociedade (Diniz 2010), mais ainda o significado da representação paterna, que certo ou não na ideia social primordial, que sustenta que o pai é o pilar da família, vem perdendo a sua consistência.

Para melhor compreensão da posição do pai e como mudanças na dimensão social e na organização familiar redefinem, ou não, a condição paterna é conveniente discutir o modo de

construção da família, nesse caso, ligado por laços de aliança entre marido e esposa e por elos de descendência entre ascendentes e descendentes e o que assegura uma vinculação estreita entre familiares é o facto de partilharem uma convivência comum ao longo do tempo (Romanelli 2017).

Antropólogos clássicos, definiram três fases do que consideravam um universal núcleo familiar: formação inicial (em geral, por casamento), expansão (com nascimento dos filhos), e declínio (quando os filhos adultos saem para estabelecer seus próprios núcleos. Porém, nas últimas décadas, notou-se que a trajetória de qualquer família é bem mais complicada do que esta concepção (Fonseca 2005).

Da perspectiva estritamente biológica a família se constitui de pai, mãe e filhos (Silveira 2000). No entanto, a família, como um sistema ligado aos processos de transformação histórica, cultural e social vem sofrendo modificações tanto na sua configuração quanto em sua dinâmica, remetendo à ideia de um grupo de parentes co-residentes, ou seja, um grupo doméstico, cujo parentesco pode ocorrer de consanguinidade, aliança ou adoção, tendo a finalidade de manutenção económica, a identificação individual e colectiva e a criação dos filhos (Damiani & Colossi 2015; Silveira 2000).

Com isso, os grupos de descendência e residência formados pelo parentesco mantêm uma solidariedade multifuncional, determinando casamentos, regulação dos conflitos, herança, cultos, valores, etc (Laburthe-Tolra & Warnier, 1993 *apud* Silveira 2000).

A ideia de grupo constituído pelo pai, pela mãe e pelos seus filhos como unidade social chamada de família conjugal, família elementar ou família nuclear é uma realidade generalidade das civilizações do mundo, onde se efectiva o papel do pai ou do marido, menos notório que a da mãe, no plano biológico, relativamente aos filhos, não ser atribuída praticamente qualquer importância (Pires 2000).

Para Petrini (2005) a modificação do patriarcado tem dado lugar a uma maior igualdade na partilha de tarefas e responsabilidades entre o casal parental. Dessa maneira, constata-se a coexistência de diferentes configurações familiares, já que famílias nucleares intactas coexistem com diferentes modelos de configurações familiares (Pereira & Arpini 2012; Warpechowski & Mosmann 2012 *apud* Damiani&Colossi 2015).

Em décadas passadas, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Foi, por muito tempo, apoiado pela cultura patriarcal, que lhe reservou lugar acima da trama doméstica formada principalmente pela mulher e pelas crianças. Porém, esse cenário vem se modificando progressivamente, apresentando sociedade e família como núcleos indissociáveis (Pereira & Arpini 2012).

Actualmente, é comum se deparar com famílias onde os cônjuges têm suas trajetórias profissionais e dividem as tarefas domésticas e educativas, sem contar as famílias em que as mulheres são as principais provedoras económicas, demonstrando uma variação de dinâmicas e configurações familiares, que conseqüentemente, repercutem no desempenho dos papéis parentais (Diniz Neto & Féres-Carneiro 2005).

Contudo, para Beinczik (2011), o pai representa um papel importante na vida social dos filhos, pois a interacção entre pai e filho é um dos factores decisivos para a formação sociocultural dos filhos, impactando na sua integração na comunidade.

Com o exposto acima, percebemos que tem havido uma redignificação do papel do pai ou figura paterna na sociedade humana actual no geral, como parte da dinâmica transformativa da família. O nosso questionamento neste trabalho é: *De que forma a presença ou ausência da figura paterna impacta na interacção na vida individual e social dos adolescentes da Escola Secundária da Machava-Sede, Cidade da Matola?*

1.5. Justificativa do estudo

A escolha do tema prende-se ao facto de ter crescido com a ausência de uma figura paterna. Portanto, escolhi a sendo que a adolescência foi mais desafiante lidar com a ausência física paterna, não tem estado muito distante daqueles adolescentes que, embora vivessem com os seus pais, sentiam a sua “ausência” nas suas vidas.

A escolha do tema, também, foi motivada pela percepção de que as famílias estão em processo de rápidas mudanças, sendo, no entanto, que não existem muitos estudos sobre essas mudanças e o seu impacto na vida dos indivíduos. É um problema social muito vivenciado no nosso dia-a-dia, mas também pouco compreendido no meio académico.

Ao estudar o tema em questão, espera-se que possa analisar a situação, para contribuir na reflexão sobre a importância de o pai participar efectivamente na vida social dos seus filhos adolescentes, sob consequência de estes não compreenderem o significado da figura paterna.

Igualmente, se espera que o estudo traga resultados que contribuam para as ciências sociais e humanas.

O trabalho está estruturado em seis capítulos. No primeiro, referente a introdução, apresentamos os objectivos (geral e específicos), a problemática da representação da figura paterna e sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes” e a justificativa do estudo. No segundo capítulo está patente a revisão da literatura. No terceiro capítulo, apresentamos o quadro teórico conceptual, através do enquadramento teórico e conceptualização da paternidade, ausência paterna, papel paterno, socialização, família e filho adolescente. No quarto capítulo está patenteada a metodologia, onde apresentamos o procedimento metodológico, técnicas de pesquisa, participantes, que por sua vez destaca o perfil dos entrevistados, constrangimentos e o contexto da pesquisa. No quinto capítulo, procedemos com a apresentação, análise e discussão dos dados. O sexto, por sinal, último capítulo, apresenta as considerações finais, referências bibliográficas e anexo.

Capítulo 2

2. Revisão da Literatura

No presente capítulo apresento as diferentes linhas que constituem o debate dos autores sobre a representação da figura paterna na contemporaneidade e sua repercussão na vida social dos filhos adolescentes, assim como da família. Este capítulo é relevante para compreensão das constatações dos diferentes autores, tendo constatado que a representação da figura paterna e repercussão na vida social dos filhos adolescentes está aliada aos contextos socioculturais.

As diversas formas de vivenciar os papéis que desempenhamos em nosso contexto, influenciam e são influenciadas pelas partes que os constituem, caracterizando um dinamismo da relação não só entre os indivíduos, mas entre os indivíduos e a cultura, entre os indivíduos e suas crenças, seus modos de pensar, ser e agir no mundo (Staudt 2007).

Para a autora acima mencionada, os agrupamentos sociais humanos, em sua história, desenvolveram diversas formas de organizarem-se, criando para isso diferentes regras que estabelecem como deve ser o desempenho de seus diversos papéis. Assim sendo, a família é um destes segmentos, onde as atribuições de cada membro podem ser pensadas como um recurso para organizar os grupos humanos e mantê-los dentro de determinada ordem.

Diversos autores que têm estudado a mudança de espaço e actuação da representação paterna, vincula haver mudanças do papel do homem na sociedade (Strauch 2013:51). Para a autora, ao compreendermos que as interacções sociais e o desempenho de seus diversos papéis organizam-se sistemicamente, temos que considerar que estão afectados por variáveis dos contextos macro e micro que, por sua vez, interagem entre si, implicando que a estrutura sócio-histórico-cultural de determinada sociedade permeia a vida de homens e mulheres, e, certamente, tem efeito sobre o pensar e o agir sobre a paternidade e a maternidade.

Na mesma ordem de ideia, Balancho (2007), os elementos da parentalidade têm alterado ao longo da história da humanidade, através de uma construção progressiva dependente de factores sociais, económicos, culturais, familiares, biológicos e individuais.

Por seu turno, Oiberman (2008) a alteração que está sendo proposta aos homens na esfera familiar é um dos feitos mais notáveis destes novos tempos, sendo que essa mudança não se limita à introdução da mulher no mercado de trabalho, mas afecta principalmente a identidade

masculina, marcada por fortes alterações no processo social pós-moderno. No entanto, existe no homem uma potencialidade inata paterna, como a preocupação e interesse pelos filhos.

A família consiste em uma instituição social influenciada e influenciável por grupos, pessoas e instituições, a qual é responsável por acções que despertam cuidado, protecção e incentiva a socialização dos membros que a compõe, diante da transmissão dos valores, aspectos sociais, afectivos e físicos (Strauch 2013).

Para Samara (1998:8) a família é tida, como o mais importante grupo social de toda a pessoa, bem como o seu quadro de referência, estabelecido através das relações e identificações que a criança criou durante o desenvolvimento. É a mais antiga das instituições, sendo a sua formação cultural, resultante de comportamentos, hábitos, valores da sociedade, em determinados tempo e espaço. Neste contexto, vem passando por inúmeras transformações ao longo da história face aos novos hábitos, novas aspirações, novos valores, novos costumes, passando a afastar o modelo patriarcal vigente (Rendwinski 2012).

Na contemporaneidade a família tem provocado mudanças estruturais no panorama social, como a diversificação dos modos de vida familiar onde o modelo de família tradicional tem cedido lugar para o aparecimento de outros (Portela 2014).

De acordo com Pires (2000) a importância das diversas funções que a instituição familiar de base tem vindo a desempenhar no meio social, na sua relatividade, não é a mesma em todos os tipos de sociedade. Para o autor, nas comunidades tradicionais do Ocidente, consideradas complexas, reside a ideia da criação de um verdadeiro laço de amor entre os esposos, que perdure e se projecte para os seus filhos.

Por seu turno, Frost e Hoebel (2006) *apud* Santiago & Feitosa (2011) indicam cinco formações elementares de família: natal-conjugal; natal-conjugal complexa; unilinear complexa; grupo matrilateral e as comunas. Neste contexto, a natal-conjugal é a família elementar ou nuclear de Radcliffe-Brown e Malinowski, constituída por pais e filhos. No entanto, para muitos, esse modelo representa o estereótipo da “verdadeira família”, de modo que hoje, ao se referir à família, inconscientemente vem à mente esse padrão (Aranha 1996 *apud* Santiago & Feitosa 2011).

Historicamente, a dissemelhança entre as funções materna e paterna dentro da família se distanciou bastante das raízes instintivas, modificando-se em épocas diversas. Talvez por ser o papel da mãe inscrito na lei social e a função simbólica do pai ser tão forte, o homem podia

prescindir das relações privadas com o filho, seu poder corria paralelo ao da autoridade como marido (Strauch 2013:55).

Porém, Oiberman (2008) divide três momentos a trajetória masculina ao longo do século XX, sendo que o primeiro momento é marcado pelo “homem forte”, dos anos 1950, de poucas palavras e sem disponibilidade para desenvolver seu lado sensível. Era o pai provedor e distante dos filhos; o momento é marcado pelo “pai questionador”, nascido no calor dos movimentos feminista e pacifista da década de 1960, período em que foram introduzidas noções reflexivas sobre a paternidade; por último, surge o pai sensível, dos anos 1970, aquele que começou a ter consciência de sua responsabilidade para com a natureza e sua descendência. Nessa década, o homem era visto como frágil diante da mulher. E, ao tentar atender as queixas mais sensíveis dela, ele acabava deixando de lado as próprias necessidades.

Para a autora, a possível solidão em que o pai vivia, ao ocupar um lugar indiscutível de poder sobre sua família, como também com a imensa responsabilidade que este tinha em face da sociedade contribuíram para este panorama.

Segundo Staudt (2007), sob ponto de vista histórico, existe a demanda de um pai mais participativo e envolvido na criação dos filhos. Neste sentido, é importante considerar que outros aspectos foram sendo modificados para que este “novo pai” fosse solicitado. Neste panorama, encontramos um aspecto fundamental, que se refere às modificações relativas ao papel feminino, principalmente como provedora e educadora.

Ainda Strauch (2013:57), os elementos que integram essa nova conduta paterna são: interação – tempo que o pai compartilha com o filho; acessibilidade – possibilidade de o filho contar com o pai para interagir com ele; e responsabilidade – relativa às funções que o pai assume no tocante às atividades dos filhos, como escolaridade, saúde e sociabilidade.

Com efeito, as mudanças estruturais na família e na sociedade impuseram inevitáveis mudanças e trouxeram “um novo pai” (Garcês 2011:17).

Segundo Oiberman (2008), estudos demonstram que os pais dedicam mais tempo às atividades de interação do que às de responsabilidade. Estas últimas ainda cabem quase que totalmente às mães. Parece ser uma questão de tempo e de postura feminina o pai finalmente assumir as questões de responsabilidade para com os filhos.

Contudo, ainda em uma perspectiva histórica, o termo pai, já utilizado no antigo Egito, era usado para referenciar-se ao pai na terra e seus ancestrais, visto que a visão do termo era de provedor, capaz de suprir as necessidades dos filhos (Alencar & Moraes 2017:56).

A sociedade ocidental utiliza o conhecimento biológico e médico em função dos seus objectivos ideológicos, implicando o uso do conhecimento fisiológico pela sociedade e transformação da concepção da relação criança, fazendo uma negação da paternidade em nossa cultura (Parceval1986).

Por outro lado, para Strauch (2013:55), a figura de pai, impactou baseada na figura de Cristo, a partir de sua mensagem de amor, tentou modificar a autoridade paterna através do interesse de Jesus por seu pai, José, a representação do pai presente, personalizado e historizado. Com prelúdio do termo pai no contexto religiosos, ganha mais um novo significado, ligado a justiça, bondade e piedade (Silva 2007).

Em Moçambique para a compreensão da família é necessário ter em conta os modos de constituição e organização, assim como as representações simbólicas que dão significado, as responsabilidades e os papéis dos integrantes da família que se inserem na constituição da família, no contexto patrilinear, matrilinear e bilateral (António s/d).

A família em Moçambique é uma realidade social que observamos e estabelecemos, compreendendo um grupo de pessoas unidas por laços de aliança e filiação. Neste contexto, pode ser definida como um conjunto complexo e plural de elementos que apresenta algumas características estruturais, formais ou apenas superficiais face às estruturas e características culturais ditas tradicionais, onde os integrantes articulam de forma complexa comportamentos ditos tradicionais e modernos (Costa 2007).

No sul de Moçambique caracterizado pelo sistema patrilinear, está ligado aos contextos sociais, plurais e dinâmicos, que permanecem ao longo dos tempos através de processos sucessivos de mudança integrando-se noutras comunidades humanas (Costa 2002).

No sistema patrilinear, os homens herdam do pai os bens e os títulos honoríficos. Só se reconhecem como parentes os que o são pela linha paterna, não podendo os eventuais contactos com a família materna atingir de qualquer forma a sua pertença ao grupo do respectivo pai. Os indivíduos definem a sua descendência a partir de um ascendente comum,

afastado cinco ou seis gerações, e formam uma linhagem (estirpe) cujos membros partilham o nome e certos direitos (Pires 2000).

Nos vários regimes ou sistemas de parentesco os papéis a desempenhar variam consideravelmente no seio da família, sobretudo no que respeita à postura perante o pai.

Conforme a cultura Tsonga, que pode ter sido o ponto de partida das famílias do Sul de Moçambique, repercutindo no papel parental, conforme demonstra Santos (2002) os eventos que decorrem, como o facto do homem que não vive com a mulher, nem partilha com ela a cozinha ou rendimentos, mas que a visita com regularidade e que com ela tem filhos; parentes mais velhos, residindo noutros locais, que continuam a exercer o seu poder sobre as estratégias matrimoniais (Costa 2002).

Por outro lado, a abordagem teórica e empírica da família em Moçambique, é comum encontrar o termo agregado familiar. De acordo com Bender (1967) *apud* Costa (2002) os conceitos de família e agregado familiar são logicamente distintos, família, enquanto unidade de parentesco, deve ser definida estritamente em termos das relações de parentesco e agregado familiar em termos de co-residência.

No entanto, apesar das dificuldades teóricas e empíricas de definição da família, as dinâmicas que se processam no interior dos agregados familiares, ou entre estes e o exterior, e as identidades sociais que aí são constituídas podem ser interdependentes de importantes relações, de diversa ordem, com membros da família que, por definição, não pertencem ao agregado.

É neste panorama que se efectua a transformação da família e funções materna e paterna.

Assim sendo, para proteger a estrutura da família nuclear e para preservar o conjunto de parentes nos vários sistemas, em todas as sociedades foram definidas regras de constituição da própria família, assim se instituindo a união conjugal, o casamento (Pires 2000).

Capítulo 3

3. Quadro teórico e conceptual

No presente capítulo dou a conhecer o contexto teórico que capitaneia a presente pesquisa e os conceitos-chave relativos ao tema abordado, tendo servido de base para construir o *corpus* do trabalho.

3.2. Enquadramento teórico

Partindo do pressuposto que a presença e ausência paterna é um fenómeno social, a sua pesquisa deve pautar pela possibilidade de enveredar por interpretações do mundo construído socialmente e discursivamente, a partir de realidades resultantes da construção social baseadas nas experiências e interação dos indivíduos (Marsh & Furlong 2002, Creswell, 2014 *apud* Oliveira 2018).

3.3. Conceptualização

3.3.1. Paternidade

Este conceito é complexo. Do latim *paternitas* – sentimento de pai, abarca o homem que deu origem a outro, progenitor. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004) refere como a qualidade ou condição de pai como o vínculo sanguíneo que liga ao filho, ou seja, pai natural - paternidade resulta de prole, sem impedimento matrimonial, por parte do pai ou da mãe.

No entanto, na abordagem espiritual, significa aquele que serve de diretriz, de modelo, que inspira outra pessoa. Pater – linhagem, descendência, chefe de família, tribo. Em termos naturais e simbólicos, o pai, genitor, está ligado por laços de sangue, não necessariamente assume a paternidade ou exerce a chefia da família. Enquanto o pai social, em muitas e diferentes circunstâncias, é o que cria a criança e é referendado como pai pela mãe, sucessivamente (Strauch 2013:49).

A conceito de Paternidade abrange diversos aspectos, entre eles ter autoridade, estabelecer limites, transmitir afecto, ser um modelo de masculinidade, ser um modelo de relacionamento decasal, mostrar caminhos para a vida, indicar possibilidades de crescimento, ser um agente de diferenciação entre mãe e filho, como pressupostos de um modelo para relações saudáveis pela vida. (Setton & Pazinato 2002:75).

3.3.2. Ausência paterna

Significa ausência do pai baseada na sua falta física e/ou emocional para os filhos, resultante seja de morte, divórcio, separação, abandono, desquite ou qualquer outro tipo de separação temporária ou permanente (Pinheiro *et al.* 1983:111).

É notória que as diversas razões da ausência paterna, sejam ela física ou emocional pode ser entendida por diversas formas pelo filho (Rodrigues *et al.* s/d:2). O modo como um filho sente a ausência paterna, afectará por certo, em diferentes formas em seu desenvolvimento. No entanto, de modo geral, são entendidas de forma negativa, por causa da importância do pai na vida dos filhos adolescentes (Damiane 2014 *apud* Rodrigues *et al.* s/d:2).

Existem tipologias de ausência, baseadas no contexto psicológico e a físico, que, no entanto, são qualitativamente similares (Pinheiro *et al.* 1983:111).

Muza (1998), acredita que o pai presente, cria segurança em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais, enquanto as que não convivem com o pai acabam tendo problemas de identificação sexual, dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social.

Segundo Bergamann (2004), a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no comportamento e vida social dos adolescentes.

3.3.3. Papel paterno

Está relacionado a importância de presença do pai, participando no desenvolvimento e amadurecimento social e da personalidade dos filhos, como agente socializador, criticando o enfoque de o pai ser considerado apenas um modelo masculino (Lamb 1979 *apud* Pinheiro *et al.* 1983:111).

A transformação do papel paterno na sociedade contemporânea tem raízes em acontecimentos sociais como às modificações no exercício da parentalidade, a fragilização da estrutura familiar, o aumento do número de divórcios, os quais exigiram uma nova definição dos papéis parentais e da constituição familiar. Contudo, não se pode omitir a influência dos factores biológicos e culturais em constante interação para a determinação deste fenómeno. Através do papel paterno, que se passa a desempenhar mais de uma função no contexto familiar de companheiro, cuidador e protetor dos filhos adolescentes (Rodrigues s/d:7).

3.3.4. Socialização

É todo processo evolutivo (Malpique 1990 *apud* Serôdio2009:7).Refere-se à capacidade que a criança tem de aprender (internalizar) comportamentos para se adaptar às expectativas e exigências das pessoas com quem vive, isto é, adquirir os padrões de comportamento que a sua cultura impõe. Diz respeito ao processo de resultados do comportamento adaptado. Ainda, este conceito depende, intimamente, da interacção e dos modelos oferecidos pelo meio familiar e social” (Serôdio 2009:7).

3.3.5. Família

Designa um grupo social constituído por pessoas ligadas por sangue, pelo matrimónio ou pela adopção, tendo como função de desenvolver uma cooperação económica, reproduzir e prestar cuidado aos descendentes(Ussel 1998*apud* Ramos 2015:5).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o conceito de família não abrange apenas os laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adopção, envolve também grupos cujas ligações sejam baseadas no afecto, na confiança, suporte mútuo e um destino comum (Ramos 2015:5).

A família vem sendo entendida como uma instituição mediadora entre sujeito e a sociedade, assumindo formas múltiplas. Neste contexto, o conceito de família modificou-se, assumindo diferentes significados, no que diz respeito às transformações histórico-sociais (Rodrigues s/d:9)

3.3.6. Filho adolescente

Coslin(2009),acredita que o termo adolescente deriva da palavra latina*adolescere*, que significa crescer, desenvolver-se. Não existe consenso, entre os diferentes autores dos estudos divulgados, contudo, a generalidade refere que a adolescência é ma etapa intermediaria do crescimento humano que decorre entre a infância e a idade adulta.

Segundo Ribeiro (2011), acredita que a definição de adolescência é pouco consensual e muito complexa, sabemos que etiologia da palavra adolescência vem de duas raízes inter-relacionadas: do latim *ad*(a, para) e *Olescere* (crescer) e também, de *adolesce*, origem da palavra adoecer.

A adolescência só a partir do século XIX foi vista como uma etapa distinta do desenvolvimento e durante várias décadas a adolescência, esteve associada a uma fase de tumulto, conflito e tensão para o adolescente e todos os que com ele lidavam (Ribeiro 2011).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), situa a adolescência no período que decorre entre os 10 e os 19, definindo-a como uma etapa biopsicossocial na qual ocorrem transformações de carácter físico, social, cognitivo e emocional (Martins 2005).

Capítulo 4

4. Metodologia

No presente capítulo apresento contexto metodológico que capitaneio a presente pesquisa. Neste contexto, dou a conhecer o procedimento metodológico, as técnicas de pesquisa, participantes da pesquisa, constrangimentos e contexto da pesquisa.

4.1. Procedimento metodológico

O método é o conjunto das actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do pesquisador (Marconi & Lakatos 2003).

Com vista a alcançar os objectivos do presente trabalho, recorreu-se a abordagem qualitativa, pretendendo buscar percepções do processo da relação entre pai-filho, a partir de diferentes sujeitos participantes na relação pai-filho, desde pais, filhos, mães aos professores/educadores de infância e anciãos.

O uso da abordagem qualitativa propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenómeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contacto directo com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos (Gil 1999).

A abordagem qualitativa, caracteriza-se pela sua particularidade na busca pelo entendimento de valores, atitudes, crenças, sentimentos, percepções e as motivações do público pesquisado, com vista a granjear a essência do fenómeno. Para Lakatos e Marconi (2009), a abordagem qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos do comportamento humano.

Esta abordagem, permitiu-nos captar a representação da figura paterna e sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes”.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases, entre os meses de Abril e Setembro de 2022, nomeadamente, a primeira, que consistiu na revisão bibliográfica, realizada nas bibliotecas Central Brazão Mazula e do Departamento de Arqueologia e Antropologia, assim como

artigos científicos disponíveis em *websites*. De acordo com Oliveira (2011:39), a pesquisa bibliográfica utiliza fundamentalmente contribuições de diferentes autores, sendo efectuada a partir de material já elaborado, tais como, livros e artigos científicos.

A segunda consistiu na realização da pesquisa de campo na Cidade da Matola, Bairro da Machava-Sede e a terceira foi marcada pela análise e interpretação de dados recolhidos no trabalho de campo. O trabalho de campo é um procedimento que integra com relevância aspectos da conduta social, os quais o comportamento manifesto é observado (Iturra 2009).

4.2. Técnicas de pesquisa

As técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (Lakatos & Marconi, 2001). Portanto, no presente trabalho foram usadas a observação directa e entrevistas semi-estruturadas.

A observação directa é a técnica de coleta de dados para conseguir informações sobre aspectos da realidade, auxiliando o pesquisador a identificar e obter percepções que orientam o comportamento dos indivíduos (Oliveira 2011).

As entrevistas semi-estruturadas são bastante adequadas para a obtenção de informações sobre o conhecimento que as pessoas têm, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta (Gil 1991). A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais, pois tem a particularidade de ser adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, pensam, agem etc., sobre um determinado fenómeno (Oliveira 2011:35).

No entanto, nas entrevistas semi-estruturadas são feitas questões que variam de acordo com as características de cada entrevistado ou grupo de entrevistados (Oliveira 2011:35). As entrevistas foram individuais de modo a perceber o fenómeno em análise.

Estas técnicas foram completadas pelo uso do caderno de campo para registar informações relativas as entrevistas.

4.3. Participantes da pesquisa

Durante o trabalho de campo foram entrevistados 22 indivíduos, dos quais 14 são alunos da Escola Secundária da Machava-Sede, 2 são pais e professores, 5 são mães e 1 anciã. Todos os

entrevistados são moradores da Machava-Sede. Não menos importante, na presente pesquisa, usamos nomes fictícios por razões éticas e de confidencialidade.

4.3.1. Perfil dos entrevistados

Ordem	Nome	Idade	Categoria	Educação	Situação
1	Isley	17	Filho	Aluno	Vive com mãe
2	Wisney	17	Filha	Aluna	Vive com mãe
3	Mércia	16	Filha	Aluna	Vive com pai
4	Lina	17	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
5	Violeta	17	Filha	Aluna	Vive com tios
6	Helena	16	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
7	Vitoria	17	Filha	Aluna	Vive com pai
8	Cristina	17	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
9	Valquíria	17	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
10	Leila	16	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
11	Yulindi	17	Filha	Aluna	Vive com mãe
12	Nosta	17	Filha	Aluna	Vive com irmãos e sobrinhos
13	Neta	17	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
14	Amelia	17	Filha	Aluna	Vive com pai e mãe
15	Filomena	37	Mãe	Doméstica	Vive com filhos e o padrasto
16	Ruth	35	Mãe	Comerciant e	Vive com filha
17	Beatriz	38	Mãe	Professora	Vive com filhos e o pai
18	Ivone	37	Mãe	Professora	Vive com filhos e o pai
19	Ana	39	Mãe	Professora	Vive com os filhos
20	Evaristo	48	Pai e professor	Professor	Vive com os filhos e a mãe
21	Lazaro	41	Pai e professor	Professor	Vive com os filhos e mãe
22	Gilda	64	Anciã	Doméstica	-

4.4. Constrangimentos

Durante a pesquisa, surgiram diferentes situações que desafiaram a sua realização com eficiência, nomeadamente, formalidades, acesso aos entrevistados, indisponibilidade, língua. No entanto, apesar disso, os constrangimentos não impediram a sua realização, sendo a presente relatório de pesquisa, o resultado final.

4.5. Contexto da pesquisa

A cidade da Matola, caracteriza-se como um ambiente de transformações e consequente pluralidade cultural que desafia os pais na sua relação com os filhos adolescentes. Apesar

decorreu no bairro da Machava-Sede, situado no Posto Administrativo da Machava, que é um dos três postos administrativos do Município da Matola, província de Maputo. O bairro está situado a Sudoeste de Patrice Lumumba e a Oeste de Infulene, nas coordenadas 25° 54' 39" sul e 32° 29' 30". O posto Administrativo da Machava conta com uma população estimada de 380 mil habitantes, distribuída nos 14 bairros, considerados zonas de expansão.

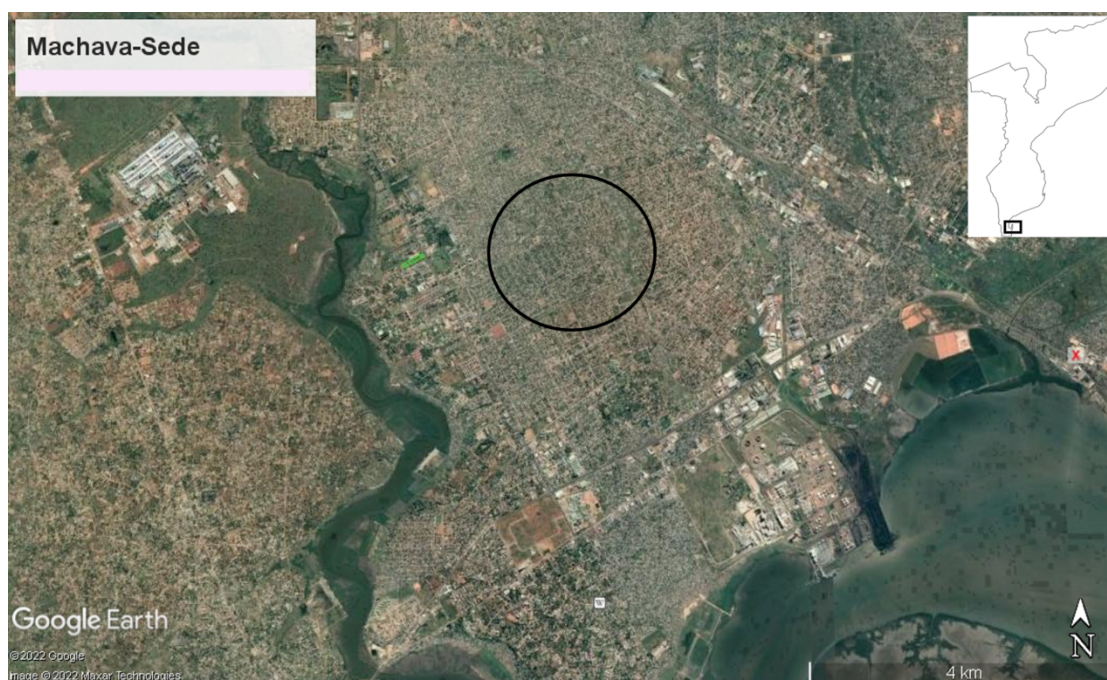


Figura 1: Área de pesquisa adaptado do googleearth.

A escolha do bairro, deve-se a acessibilidade, fundamentalmente, pelo facto da autora residir no mesmo. Não menos importante, a autora observou que no bairro existem muitos adolescentes, alguns dos quais demonstram comportamentos que motivaram a aprofundar a sua relação com seus pais, no contexto da ausência.

As entrevistas aos filhos “adolescentes” foram efectuadas na Escola Secundária da Machava-Sede, situada na avenida Josina Machel. No entanto, outras foram realizadas nas ruas do bairro, onde os entrevistados foram abordados pela autora.

Capítulo 5

5. Apresentação e análise de dados

O presente capítulo dedica-se a apresentação, análise e interpretação dos dados obtidos no campo, basicamente através de entrevistas. Neste capítulo é sistematizado o entendimento

sobre a representação da figura paterna, com destaque para o significado da presença e ausência na vida social dos filhos, a partir de depoimentos dos filhos adolescentes, assim como, outros intervenientes, da família e meio escolar. O objectivo é de captar a percepção dos adolescentes e outros intervenientes sobre a representação da figura paterna no contexto da ausência.

5.1. Percepção dos adolescentes

Procuramos perceber dos filhos adolescentes e perguntas tiveram respostas diversas, baseadas em depoimentos dos filhos com ausência e presença paterna. Os depoimentos dos filhos com ausência paterna, são demonstrados pelos trechos abaixo.

Não vivo com os dois, eles separaram há uns 15 anos atrás. Passo mais tempo com minha mãe, vivemos juntos e temos aquela relação de mãe e filho. Não tenho nenhum contacto com o meu pai, acho porque ele não quer manter contacto comigo (...). Minha mãe aconselha-me a não me importar muito com isso porque se ele não está agora, ela consegue fazer o papel dos dois, de pai e mãe. Quando eu estou com problemas, sejam emocionais ou outros, tem vezes que é melhor falar com um homem ao invés de uma mulher, mas ela consegue conversar comigo.

Um pai presente acompanha a vida dos seus filhos, desde a infância, acompanha a escola, se eles têm problemas emocionais, ele chega e pergunte o que se passa, essas coisas é que torna um pai presente. Toda criança merece viver com seu pai e mãe porque uma criança, uma menina neste caso, quando cresce sem ter uma figura paterna, ela acha que todos os homens vão querer ela e um menino quando cresce sem um pai, ele se senti um pouco para baixo porque ele acha que, se o pai não lhe quis quem há de querer! (Islei, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outro depoimento:

Os meus pais não vivem juntos (...). Conheci o meu pai com 10 anos, no meu aniversário, ele veio me parabenizar, mas só foi esse aniversário que passei com ele. Ele devia cuidar de mim, me apoiar, gostaria de passar tempo com ele, com meu irmão, eu gosto dele mas nunca tivemos contacto, deve ser por causa do trabalho ou falta de interesse.

Os pais dos meus amigos são melhores porque são presentes, moram juntos, o pai a mãe, acho que toda criança merece. Pai de ser presente, não sempre, mas conversar, dar apoio, carinho, mostrar que ele está ali, se importa. Gostaria que o meu pai me reconhecesse como filha dele (...) acho que toda criança devia viver com seus pais (Wisney, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outro ainda testemunhou o seguinte:

Vivo com os meus tios. Os pais estão noutra lar. Passo mais tempo com a minha mãe, converso com ela, ela por vezes ocupa aquele lugar da ausência do meu pai

(...). Antes de eu nascer, meu pai e minha mãe já não estavam juntos, separaram-se, meu pai foi para outropaís, ele fica lá as vezes três anos, depois volta (...). Os pais tinham que ser mais presentes, acompanhar o meu desenvolvimento, estar comigo, nos momentos bons, me ajudarem mais. Gostaria que o meu pai estivesse mais presente na minha vida (...). Nesta fase passo por dificuldades, corro o risco de andar por um caminho errado. Tinha de ter alguém que me aconselhasse (...). O meu pai não tem tempo para mim talvez por ele não ter me aceitado logo pequena, são coisas que não posso explicar.

Com o meu pai converso coisas normais, com a minha mãe eu me abro, ela me ensina coisas que eu devo e não fazer. O pai dos meus amigos é melhor porque tem pais que não tem muito para dar, mas o pouco eles estão presentes em todas dificuldades, o meu é diferente. Gostaria que o meu pai me assumisse, estivesse presente na minha vida, que me apoiasse nos meus estudos, nas coisas que necessito. Todas crianças deviam viver com seus pais porque poderia crescer com amor e uma mente mais avançada. Um pai deve ser presente, educador em primeiro lugar, em tudo que o filho faz (...) (Violeta, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Questionados os filhos adolescentes com presença paterna, podemos encontrar os depoimentos abaixo:

Vivo com o meu pai, minha mãe não. Com o meu pai, deves em quando estudamos juntos e saímos para um passeio (...) moro com meu pai porque desde muito nova foi assim, separaram-se eu muito nova. Então minha mãe foi-se, fiquei com minha avó paterna, depois disso fui com meu pai, para casa dele. O meu pai é presente. Ser um pai presente é estar aí pra nós, se importar connosco (...). Gostaria de ter mais um tempinho para conversa, mas elenão é muito aberto. A minha relação com o meu pai é boa.

O meu pai é o melhor em relação ao dos meus amigos porque ele está sempre ali para nós. Acho que toda criança devia viver com os pais porque é essencial que tenha uma figura paterna (...), na sociedade um pai deve ser aquela pessoa que a sociedade olha e respeita e deseja seguir como exemplo (Mércia, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Noutro depoimento, constatamos:

Vivo com os meus pais, meus irmãos. Com o meu pai conversamos, passeamos. Considero meu pai presente. Pai presente! é ter um pai com que possa contar com tudo, pai que sempre está ali contigo (...), as responsabilidades do meu pai são cuidar de mim, pagar minha escola, me dar carinho, estar presente na minha vida. Gostaria que o meus (...). O meu pai não tem todo tempo pra mim por causa do trabalho e também cuida dos outros meus irmãos (...).

Com a minha mãe converso coisas de mulher (...). O meu pai e dos meus amigos, o meu é melhor porque esta mais presente na minha vida. Todas crianças deviam viver com seus pais porque é muito importante, as coisas tornam-se mais fáceis, alguém para te apoiar. Os pais precisam prestar mais presente na vida dos filhos, os filhos precisam mais deles, muito (Lina, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outro testemunhou o seguinte:

Vivo com os dois. Os meus pais lutam por mim, zelam por mim, só tenho a agradecer. Passo mais tempo com os dois, eles são muito presentes, quanto a isso. Gostaria que o meu pai se abrisse mais, fosse menos fechado, com o meu pai converso muita coisa, principalmente sobre o meu futuro, com a minha mãe, um pouco de tudo (...). O meu pai é melhor que os dos meus amigos. Passei muita coisa com os meus pais, principalmente com meu pai, então nota mil, ele faz tudo. Todas as crianças deviam viver com a presença paterna, acho muito importante para o desenvolvimento da criança, eles vão ser como exemplo (...) quando não estão, te perturba mentalmente. Um pai deve ser exemplar, em primeiro lugar, porque é um espelho para seus filhos (Helena, 16 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Com os trechos acima, percebemos que a ausência paterna, seja por separação conjugal ou derivada da actividade laboral, ou ainda ausência emocional de um pai fisicamente presente são percebidas de formas diferentes pelos filhos. Portanto, de modo geral, a ausência é percebida de forma negativa e presença de forma positiva, dada a importância da figura paterna na socialização dos filhos adolescentes.

Por outro lado, no tocante a socialização ou formação da identidade, dos meus entrevistados percebi uma tendência de haver mais abertura comunicativa entre filhos e mães do que entre pais e filhos. Factores culturais ou de configuração da sociedade contribuem para este panorama.

No entanto, a figura materna emerge ocupando o espaço paterno, dada a reconfiguração moderna da família, através da mudança de papéis, surgindo mãe provedora, que desempenha tarefas e responsabilidades económicas. Apesar disso, pude constatar que não há uma substituição porque os filhos não esqueceram o pai e têm desejo deste voltar às suas vidas para participar de forma activa.

Os filhos, estes de acordo com os meus entrevistados lamentam-se a ausência do pai nas suas vidas, pois tem crença sobre o impacto na sua socialização. Para Eizirik e Bergmann (2004) ausência paterna ocorre por diferentes motivos, tais como separação dos pais; morte, falta de afecto, que tem a possibilidade de gerar uma carência comportamental no filho, mesmo em casos em que ele esteja presente. Estas situações são captadas de modos distintos por cada jovem.

Ele devia cuidar de mim, fazer parte da minha vida, seja estudantil ou lá em casa. Ser aquela figura herói. Ele trabalha longe, mas acho que ele devia ligar, mesmo que seja duas vezes por semana, nos finais de anos ele passar comigo.

Eu gostaria de passar o tempo com ele, conhecer a família dele, sou filho dele, tenho apelido dele (...). Me ajudar a pagar os meus estudos porque no próximo ano vou tentar entrar numa faculdade, gostaria que ele pagasse os meus estudos e fosse presente (Islei, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Por outro lado, os filhos adolescentes com presença paterna, tendem a apresentar um argumento que fundamenta o papel social, económico e simbólico da figura paterna, marcado por afecto, orgulho e protecção. No entanto, apesar de terem um pai presente, que apoia de forma material e emocional, estes desejam que o pai seja mais aberto ainda, situação que é diferente da figura materna.

A presença do pai é de suma importância para os filhos adolescente, visto que, é ele quem oferece o suporte emocional e o papel de incentivador, oferecendo a possibilidade de evitar o surgimento de conflitos de personalidade e impasses para relacionar-se socialmente (Reis & Silva s/d).

Nas entrevistas, notamos que os filhos desejam que toda criança adolescente viva com uma figura paterna. Portanto, prevalece a crença que o pai apresenta ação formativa, enquanto chefe de família e espelho para a projeção dos filhos na sociedade. Quando não desempenha esse papel, entre os filhos adolescentes, este pai não é o melhor, daí a convicção do pai dos amigos ser o melhor, conforme o depoimento abaixo:

Os pais dos meus amigos são melhores. Tenho amigos que pais são mais presentes, mesmo sendo rigorosos, são mais presentes, vivem juntos, então a relação é boa assim (Islei, 17 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Contudo, a responsabilidade de educar, de ser espelho para a sociedade, começa a ser repensada, pois a realidade das famílias, denota que a ausência da figura paterna, coloca a figura materna e outras, a desempenhar essa responsabilidade.

5.2. Percepção dos pais

Questionados os pais, obtivemos os depoimentos, através dos trechos abaixo:

Sou um pai ideal. Nos dias de hoje o pai tem de ser muito mais amigo dos filhos para não haver aquelas barreiras de não conhecer o problema dos filhos, ou não conhecer os seus próprios filhos. Isso pode ser feito através da conversa constante (...). Tenho de ser modelo, no sentido de ser exemplo para os meus filhos. O meu papel na educação dos meus filhos é preponderante porque tenho de ser exemplo

para eles, para eles seguirem os meus passos, para eles fazerem isso tenho a obrigação de influenciar de forma positiva.

Sou um pai presente porque no meio e final de semana, estou sempre em casa, sou muito caseiro, se calhar é por causa disso. Em casa com os meus filhos tenho conversa, assistimos juntos as novelas infantis. Eu sou mais de futebol, mas acabo assistindo novelas por causa dos meus filhos. Ajudo eles a estudarem em algumas disciplinas, naquilo que eu posso. Passeio com eles, ensino a nadar porque eu sou desportista.

Acompanhei a gestação dos meus filhos porque felizmente sou daqueles pais que quis ser pai, acompanhei a gestação em momentos brincando com a barriga e acompanhando ao hospital. Eu honestamente falando, aquelas capulanas que se usa no parto quem levou fui eu (Evaristo, 48 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outro testemunhou o seguinte:

Me considero um pai presente, que é aquele que acompanha o dia a dia dos filhos, o que acontece em casa, na rua e na escola. Um pai ideal é o pai presente, que vai acompanhar as actividades, os programas e tudo que acontece com a criança. O meu papel na minha família, resumindo sou um provedor, me refiro sobretudo naquilo que as crianças precisam para sua existência e boa existência, me refiro canalizar recursos económicos e também a questão social tem haver com o pai ideal anteriormente definimos.

O meu papel na educação dos meus filhos, um pai presente, acompanhante e provedor sobretudo. Nos tempos livres batemos muito papo, e eles gostam muita de fazer isso comigo, envolvemos muita coisa, o formal, o não formal, aquilo que não consigo lhe dizer no momento aquilo preciso para educar. Acompanhei a gestão dos meus filhos, procurando saber como a mãe estava, o que precisava, e para acompanhar ao hospital (Lázaro, 41 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Como podemos perceber nos trechos acima, a construção da figura paterna entre os homens da do Bairro da Machava-Sede é baseada num pai presente, que deve ser provedor e educador. Ademais, notamos que a figura paterna deve ser amigo, que não apenas conheça os problemas dos seus filhos, mas também auxilie a resolver.

O pai deve ser amigo dos filhos, conversar muito (...). Os pais devem fazer um esforço. Ao invés de fazer amigos com os copos fora, tentar transformar essas amizades com os seus filhos para não correr risco de viver com um filho que você não conhece (Evaristo, 48 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

No entanto, nem todo o pai tem a oportunidade de passar tempo suficiente com os seus filhos devido as actividades laborais. Portanto, os pais que passammmais tempo em casa, tendem a ser presentes física e emocionalmente, no convívio com seus filhos, pois têm a oportunidade de partilhar actividades e acompanhar pequenas rotinas, todos os dias. Este cenário, da oportunidade aos pais de conhecer os seus filhos e torná-los sociáveis. Contudo, a participação desde a gestação, marca o simbolismo de ser pai.

5.3. Percepção das mães

Questionadas as mães, obtivemos os depoimentos abaixo:

O pai ideal para mim é um pai presente. Por mais que a distância,o trabalho permita que ele seja ausente,ele deve se manifestar, saber como o filho está, se vai a escola, se está doente, saber como acordou, ser participante (...).Como mãe, tenho que ser, amiga, tudo para eles. Como mãe tenho que saber educar e saber ouvir. Há momentos na tentativa de eu educar a eles, falho na educação, mas como tenho um filho mais velho, há momentos que ele me chama atenção. Há momentos que eu estou errado, tenho de saber ouvir, a outra parte porque ele é criança, respeitar os filhos porque eu gosto muito de respeito, eles também merecem, respeito.

Quanto ao pai, ele também deve ser a mesma coisa, tem de ser um pai carinhoso, amigo, conselheiro, um pai que os filhos não possam temer quando chega em casa, para o filho saber dizer ao pai, a mim sobre a escola, ter aquela convivência.Tenho dois filhos com pais diferentes, o padrasto sim é participativo, naquilo que ele consegue, cuida. O pai biológico do meu primeiro filho não é participativo.A experiência de ser mãe é boa, mãe é protectora de destino, é uma sensação única, não se compara, mãe é mãe.Oiço queos pais são bons, mãe de fulano é muito chata. Mãe de fulano é boa pessoa, nos estávamos em casa dela, brincamos. Há conversas que são construtivas e outras não (Filomena, 37 anos, Bairro Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outra mãe afirmou:

...é de estar presente, saber como os filhos estão, procurar saber o que precisam. Como mãe me considero participativa, mas tenho pouco tempo, quando estou em casa o tempo é curto. Gostaria de saber como as crianças estão na escola, se estão a perceber algo ou não, mas maior parte do tempo estou aqui, a trabalhar.Quando os pais convivem com os filhos, o comportamento é um pouco diferente porque consegue ver o caminho errado que filho o toma. Um pai quando não esta presente, os filhos tornam-se um pouco marginais.Durante a gestação tive pouco acompanhamento (Beatriz, 38 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Outra mãeno seu depoimento, afirmou:

Gostaria que ele constrísse uma casa para ela, levasse ela a escola.A experiência de ser mãe é difícil, mas é boaporque tenho uma companheira, uma amiga (Ruth, 35 anos, Bairro Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Dos trechos acima, podemos perceber que para as mães o significado da representação paterna não se limita na presença física, transcende à acção de preocupar-se com os filhos, sua saúde, situação escolar e social. Neste contexto, grande parte dos pais que vivem com a mãe dos seus filhos tendem a ser presentes.

Deve ser um pai presente que cumpre com as suas obrigações. O meu marido é um pai ideal. Ele acompanhou a gestação na totalidade. Ele educa, chama para falar com eles, mostra o caminho certo (Ivone, 37 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

No entanto, os pais que não vivem com sua esposa e filho, a figura materna espera que este auxilie nas necessidades. No contexto familiar, algumas mães são íntimas com seus filhos, entretanto, quando se sentem limitadas pedem auxílio aos outros membros da família, conforme as palavras abaixo:

Há intimidades, quando eu não consigo solucionar os problemas com eles, o mais adulto já consegue interagir com eles. Nas necessidades básicas que eu não consigo fazê-las, ele faz. Ele é um pai presente, apesar de não estarmos juntos (Ana, 39 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Dentre diferentes aspectos, as mães esperam que os pais sejam carinhosos, conselheiros, atenciosos, amigos, que cumpram com as suas obrigações. Tais obrigações contemplam um pai provedor.

Zelar pela família, a responsabilidade do lar, saber lidar com os filhos, socializar, conversar, interagir com eles. Ele é um pai presente, apesar de não estarmos juntos. Acompanhou a gestação dos nossos filhos (Ana, 39 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Durante as entrevistas, constatamos igualmente que as mães que desempenham papel duplo, de pai e mãe dedicam-se a pequenas actividades económicas. De acordo com Rodrigues & Teixeira (2011), muitas trabalham excessivamente para conseguir suprir a falta financeira, podendo ocasionar uma menor participação da mãe na vida social dos seus filhos, no relacionamento com professores, colegas, familiares e amigos.

Eu como mãe gostaria de ter mais tempo com os meus filhos porque o filho conhece mais a mãe, mas é impossível porque a vida hoje está um pouco complicada. Ser mãe não é fácil, quando estás em casa consegues educar, mas como grande parte do tempo estou aqui, não consigo educar como deve ser (...). Consigo ver que antes era presente, mas agora não, não porque não consigo, por causa do tempo (Beatriz, 38 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Contudo para as mães prevalece a percepção que o trabalho não justifica a colocação em causa do papel da figura paterna. Ademais, as tecnologias auxiliam neste aspecto, principalmente através do uso de dispositivos móveis e aplicativos de conversa.

Da pesquisa empírica, as mães têm a percepção que são capazes de desempenhar as tarefas que eram consideradas masculinas para cuidar dos filhos adolescentes.

5.4. Percepção dos professores

Questionados os professores, obtivemos os depoimentos abaixo:

Nos últimos tempos temos tido problemas negativos devido ao álcool que está a abalar as escolas. Antes a situação era normal. Mas agora estamos com esse medo, mesmo aquele aluno que parece ser exemplo, tememos que se possa influenciar. Raramente os alunos expressam conversas sobre seus pais. Para isso acontecer, tens de ter amizade com esse aluno. No geral não falam, deve ser de forma particular, conseguem as vezes se abrir, mas tem que criar confiança com o professor (Evaristo, 48 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Um outro professor respondeu:

De forma geral, vamos perdendo essa questão. Cada dia que passa vamos perdendo certos valores. Os alunos dificilmente falam sobre seus pais. Só falam sobre os pais, pelo menos comigo, quando eu procuro saber, quando elas apresentam situações não comuns. É quando chamo e acabo percebendo uma e outra coisa, mas só quando eu convido. Dificilmente as crianças por si só, aparecem, penso que elas são um bocadinho tímidas. Penso que é uma relação directa, proporcional, enquanto a relação for doentia, claramente, em princípio vai produzir menino doentio, me refiro em termos de comportamento, apresentação e tudo mais (Lázaro, 41 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Como podemos notar, o panorama tende a agravar-se mais, com a perda de valores. A forma como os filhos adolescentes se relacionam em casa, tem impacto na socialização, sendo uns dos resultados o comportamento desviante.

Para os professores entrevistados, a figura paterna e todo contexto familiar têm um papel preponderante no desempenho escolar e na socialização com os demais colegas.

Se tiver uma boa relação em casa, facilmente também se concentra nos estudos. Quando em casa tem uma relação turbulenta, quando chega na escola, você percebe que este aluno só está aqui fisicamente, mas psicologicamente está fora de si, influenciando negativamente no aproveitamento dele. A ausência do pai tem influência (Evaristo, 48 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

Os pais presentes, penso que acaba refletindo também de boa maneira para os meninos. Alguns casos, se calhar há pais presentes, mas são surpreendidos por meninos que se comportam mal, mas são poucos casos (Lázaro, 41 anos, Escola Secundária da Machava-Sede, entrevista de 09 de Agosto de 2022).

5.5. Percepção dos anciãos

Da entrevista com a anciã Gilda, de 64 anos, obtivemos o depoimento abaixo:

Os pais devem ser responsáveis em educar em casa, para depois usar essas normas, como o respeito, fora de casa. A forma como se educava antes e como se faz hoje mudou tanto, simplesmente cabe aos filhos acatar, os ensinamentos dos seus pais. Tem haver com o carácter de cada um, de como lidar com os mais velhos assim como os mais novos(...),(Bairro da Machava-Sede, entrevista de 10 de Agosto de 2022).

Com o trecho acima, notamos que os anciãos têm a percepção que toda a educação dos adolescentes parte de casa, e posteriormente se reflecte fora desta, na socialização com o exterior. Neste contexto, as crenças, a forma de ser e estar da família são transmitidas aos filhos adolescentes, cabendo a estes a responsabilidade de acatar. No entanto, este cenário remete-nos que, a não procedência, tanto pela ausência paterna ou ignorância na educação poderá se reflectir no modo de agir dos filhos adolescentes.

Capítulo 6

6. Considerações finais

A presente pesquisa compreende de que forma o significado da presença ou ausência da figura paterna impacta na vida dos filhos adolescentes. Concluiu-se que a dinâmica transformativa da família na contemporaneidade estabeleceu seu funcionamento, marcado pela existência de famílias monoparentais lideradas por mulheres, demonstrando que de facto há reconfiguração das famílias.

No entanto, a ausência paterna prejudica a socialização dos filhos adolescentes, pois a percepção individual dos adolescentes revela a falta de uma figura provedora, influenciadora e portadora de um significado simbólico, a qual a sociedade o tem como espelho. Com isso, a figura paterna está intimamente ligada com as expectativas dos filhos adolescentes na sua interação familiar e exterior, onde os filhos com presença paterna tendem a apresentar um sentimento afetivo.

Os filhos adolescentes com ausência paterna em determinadas situações, sentem-se renegados. De uma ou outra forma, este cenário contribui para a emergência de dificuldades de interação ou mesmo de incorrer por comportamentos desviantes. No entanto, mudança de papéis, permite que a figura materna simbolize o desempenho de um duplo papel de mãe e pai. Isto deve-se ao facto de haver uma resignificação do papel do pai ou figura paterna na sociedade actual.

Os dados mostram que a figura paterna tende ainda abster-se de certos assuntos por questões culturais ou de configuração da sociedade. Por outro lado, a dinâmica da cidade, desafia o mesmo pai, que preocupado em satisfazer as necessidades básicas dos seus filhos, passa menos tempo em casa.

Contudo, os pais têm a expectativa de serem provedores, mas também de desempenhar o seu papel educativo e social para com os filhos. A figura materna tem-se reconciliado cada vez mais na interação com os filhos, providenciando apoio material e emocional, contribuindo na vida social dos filhos adolescentes.

5. Referência Bibliográfica

- Aberastury, G.M. 1998. A paternidade. In: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes médicas. Pp 41-87.
- Alencar, M & Moraes, R. 2017. O impacto da figura paterna no desenvolvimento do indivíduo. *Psicologia - Saberes & Práticas*, n.1, v.1, 54-61.
- António, G. s/d. Família no contexto de mudança em Moçambique. Disponível em <https://www.scribd.com/document/540602944/Familia-no-contexto-de-mudanca-em-Moçambique-1>.
- Balancho, L. 2007. Ser pai, hoje. 8ª ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Balancho, L. F. 2003. *Ser pai, hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- Benczik, E. 2011. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. Artigo revisão. 28(85), Pp. 67-75.
- Cavicchia, D. S/d. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. UNESP, Pp. 1-15.
- Collet, M. 2017. A experiência da paternidade na meia-idade na perspectiva de pais, mães e seus/suas filhas (as). Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo.
- Coslin, P.G. 2009. Psicologia do adolescente. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa, A. 2007. Os Quadros Superiores, os Empresários e as suas Famílias: análise de processos de mudança social ecultural em Moçambique. *Cadernos de Estudos Africanos*. Centro de Estudos Internacionais.
- Costa, A. 2002. Famílias na Periferia de Maputo: Estratégias de Sobrevivência e Reprodução Social. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Damani, C. 2008. A ausência física e afectiva do pai na percepção dos filhos adultos. São Leopoldo. Universidade Do Vale do Rio Dos Sinos.

- Damian, C. 2014. A ausência física e afetiva do pai na recepção dos filhos adultos: Unisinos (Monografia para especialização).
- Damiani, C; Colossi, P. 2015. A Ausência Física e Afetiva do Pai na Percepção dos Filhos Adultos. *Pensando Famílias*, 19(2): 86-101.
- Diniz Neto, O. & Féres-Carneiro, T. 2005. Psicoterapia de casal na pós modernidade: Rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 133-141.
- Diniz, P & Salomão, N. 2010. Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia*, Vol. 20, No. 46, 145-154.
- Eizirik, B. 2004. Ausência Paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Rev. Psiquiatra rio Gd sul*. 26(3): 330-6.
- Fonseca, C. 2005. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Revista Saúde e Sociedade* v.14, n.2, 50-59.
- Fonseca, P. & Taborda, J. 2007. Paternidade: Passado, Presente e Futuro. *Revista de Psicologia: Atlaspsico*, 5, 14-23.
- Garcês, M. 2011. Vivências da figura paterna no trabalho de parto e nascimento no processo de transição para a parentalidade. Dissertação de mestrado. Porto: Escola Superior de Enfermagem do Porto.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª edição. São Paulo, Atlas Editora, p.36.
- Kramer, S. 1996. Infância: fios e desafios da pesquisa. Ed. Campinas: papirus.
- Lakatos, E. & Marconi, M. 2001. Fundamentos metodologia científica. 4ª edição. São Paulo: Atlas.
- Lamb, M. E. 1979. Paternal influences and the role. *American Psychologist*, 34(10): 928-943.
- Laplantine, François. 2003. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense. P. 61-64
- Muza, G.M. 1998. Da protecção generosa à vítima do vazio. In: Silveira P, ed. Exercício da paternidade. Porto alegre: artes médicas. Pp. 50 – 143.

- Oberman, A. 2008. Observando a los bebés. Técnicas vinculares madre-bebé, padre-bebé. 1ª edição. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Oliveira, E. 2018. Paradigma interpretativista nos estudos organizacionais. Campo Mourão: Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo.
- Oliveira, Etiane. 2010. Pai, Separado e Pobre: Entre as dificuldades e o desejo de uma paternidade plena. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Oliveira, M. 2011. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: Universidade Federal de Goiânia.
- Parceval, G. 1986. A parte do pai. Porto Alegre: L&PM.
- Pereira, C. R. R. & Arpini, D. M. 2012. O lugar do pai nas novas configurações familiares. *Pediatria Moderna*, 48(12), 522-527.
- Pires, C. 2000. Família, parentesco e casamento. Assimetrias espaciais e temporais. *Administração*, n.º 48, vol. X III, 617-639.
- Portela, C. 2014. Pluralidade familiar contemporânea e práticas educativas parentais: o que a literatura tem a dizer. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais • Aracaju • V.3, nº1*, 19 – 30.
- Ramanelli, G. 2017. O pai e a escolarização dos filhos. São Paulo: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.2, p. 321-337.
- Ramires, V. 1997. O exercício da paternidade hoje. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos.
- Ramos, A. 2015. Cultura e Diversidade Parental: Projeto de intervenção junto de famílias multidesafiadas de contextos interculturais. Dissertação de mestrado. Escola de Ciências Sociais e Humanas.
- Reis, L & Silva, Y. s/d. Os impactos da ausência paterna no desenvolvimento do adolescente.

- Rendwansk, A. 2012. O conceito jurídico de família a partir de uma pluralidade de figuras existentes no ordenamento jurídico brasileiro. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ribeiro, C; Gomes, R; Moreira, M. 2015. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Temas livres*: 3589- 3598.
- Ribeiro, S. 2011. Percepção da pressão de pares na tomada de decisão dos adolescentes. Pp. 1-111.
- Rodrigues, G & Teixeira, R. 2011. A falta de limites na relação pais e filhos e o papel da escola. *Revista da Graduação*, v. 4, n. 2:1-18.
- Rodrigues, K; Simões, S; Almeida, A. s/d. A Ausência da Figura Paterna e sua Repercussão no Desenvolvimento Comportamental e Aspectos Cognitivos.
- Ruiz, J.A. 1996. *Metodologia científica – guia para eficiência nos estudos*. 4ª Ed. S. Paulo: Editora Atlas S. A.
- Samara, E. 1998. *A Família Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Santiago, M; Feitosa, L.C. 2011. *Família e Gênero: um estudo antropológico*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, 29-41.
- Sart, C. 1992. *Contribuições da Antropologia para o estudo da família*. São Paulo: Psicologia USP 3(1/2):69-76.
- Sena, D.M.R. Coleção pessoal de DalilaMaite - Pensador. Disponível em:<https://www.pensador.com/coleção/pessoal/dalilamaite/>.
- Serôdio, S. 2009. A Função Paterna e o Desenvolvimento Infantil: Influência da Gratificação Parental e da Presença versus Ausência nos Primórdios do Auto-Conceito da Criança. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa.
- Setton, M & Pazinato, P. 2002. Um estudo da paternidade: aproximação entre a abordagem fenomenológica existencial e a abordagem relacional sistêmica. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 3(1): 74-100.

- Silveira, M. 2000. Família: conceitos sócio-antropológicos básicos para o trabalho em saúde. Curitiba, Fam. Saúde Desenv.v.2, n.2, 58-64.
- Souza, A & Filho, M. 2008. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Revista Iberoamericana de Educación, n.º 44/7: 1-8.
- Staudt, A. 2007. Novos tempos, novos pais? o ser pai na contemporaneidade. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Strauch, F. 2013. Do pai no texto freudiano ao pai da contemporaneidade: um estudo teórico. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.
- Trapp, E. H.; Andrade, R. de S. 2017. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. - Revista Ciência Contemporânea. São Paulo, v.2, n.1, 45-53.
- Wall, K. 2003. Famílias monoparentais. Sociologia, Problemas e Prática. Lisboa, v. 43, 51-66.

6. Apêndice

6.1. Guião de entrevistas

PARTE I	
Identificação do projecto	
Tema	A presença e ausência da representação paterna na contemporaneidade: sua repercussão na vida social dos filhos “adolescentes” na Escola Secundária da Machava-Sede.
Âmbito	Trabalho de Culminação do Curso (TCC), Antropologia DAA-UEM
Área de implementação	Antropologia
Local de implementação	Machave-Sede, cidade da Matola
Objectivo	Efectuar o levantamento de informações para a elaboração do TCC
Grupo-alvo	Filhos adolescentes
PARTE II	
Identificação da entrevistadora	
Nome	Diana Uamusse
Morada	Maputo
Contactos	873234751
PARTE III	
Identificação do(a) entrevistado(a)	
Nome	

Idade	
Local de residência	
Local da entrevista	
Religião	
Estado civil dos seus pais	
Idade dos seus pais 30-45 45-60 +60	
PARTE IV	
Questões / filhos	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Os seus pais vivem os dois consigo? 2. Quais são as actividades que costuma fazer com o seu pai, quais são as actividades que costuma fazer com a sua mãe? 3. Ou costuma passar mais tempo com o seu pai ou com a sua mãe? O que fazem juntos? 4. Sabe quais são as responsabilidades do seu pai e da sua mãe para com os seus filhos? 5. O que acha que gostaria de fazer mais com o seu pai? Por quê? 6. Por que o seu pai não tem tanto tempo para ficar mais consigo? 7. O que conversa com o seu pai? O que conversa com a sua mãe? 8. Como é a sua relação com o seu pai? 9. Se for para comparar o seu pai e o dos seus amigos, qual deles acha melhor? Por quê? 10. O que é que gostarias que o seu pai fizesse por si? 11. Acha que todas as crianças deviam viver com os seus pais? 12. Como acha que deve ser um pai na nossa sociedade? 	
Questões/jovens pais	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Como acha que deve ser um pai ideal? 	

2. Qual acha que é o seu papel da na sua família?
3. Qual acha que é o seu papel na educação dos seus filhos?
4. O que costuma fazer com os seus filhos?
5. Até que ponto acompanhou a gestação dos seus filhos?

Questões/ jovens mães

1. Como acha que deve ser um pai ideal?
2. Qual acha que deve ser o seu papel e do pai dos seus filhosna família?
3. O pai dos seus filhos tem participado na sua educação?
4. Até que ponto ele acompanhou a gestação dos seus filhos?
5. O que houve dos amigos dos seus filhossobre os pais?
6. Como é experiência de ser mãe?

Questões/ professores/educadores de infância

1. Como é a socialização dos meninos na escola?
2. Eles têm expressado conversas sobre os pais? O que tem dito?
3. De que forma a relação dos meninos com os pais impactam na vida social na escola?
4. Qual tem sido o comportamento dos meninos? Acha que ausência dos pais tem alguma influência?
5. O que pensa sobre o impacto da ausência paterna na vida social dos meninos na escola?
6. Como acha que deve ser um pai?

Questões/ anciãos

1. Qual deve ser o papel do pai e da mãe para com os seus filhos?
2. O que acha que os pais deveriam fazer para educação dos seus filhos?
3. Como acha que deve ser um pai?
4. Os pais destes tempos diferem dos do passado? De que forma?
5. Qual é o conselho que deixa para os pais?